



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIA POLÍTICA**

CECÍLIA RODRIGUES DOS SANTOS

Leitura das Jornadas de Junho de 2013

**Brasília
2024**

CECÍLIA RODRIGUES

LEITURA DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciência Política da UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política.

Brasília
2024

CECÍLIA RODRIGUES

LEITURA DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Ciência Política da UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, como requisito parcial para a Obtenção do grau de Bacharel em Ciência Política.

Brasília, 05 de Setembro de 2024

Dedico este trabalho aos meus pais, que sempre me incentivaram e a minha irmã que me guia de longe.

AGRADECIMENTOS

Ser a primeira da família a se formar pela Universidade de Brasília é um sonho que está prestes a se tornar realidade e tenho muito a agradecer às pessoas que foram essências nessa realização.

Primeiramente agradeço meu orientador, Professor Paulo Calmon, pela orientação, apoio e paciência durante a elaboração desta monografia e por acreditar em mim e nesse trabalho. Agradeço também aos professores da Instituição, que me guiaram durante toda a minha formação. Agradeço ainda a Universidade de Brasília por todo o suporte e amparo para realização desta pesquisa.

Aos meus pais, Luquicinaldo Rodrigues e Elisvanda dos Santos, pelo amor e carinho e por sempre me incentivarem a seguir meus objetivos.

A minha sobrinha, Lunna Beatriz que aos oito anos carrega todo o meu amor.

Meus sinceros agradecimentos à minha família pelo suporte emocional e pela motivação para seguir firme nesta jornada. Especialmente meus irmãos Pablo Ricardo, Vitoria Rodrigues (em memória), Miguel Rodrigues e Mariana Rodrigues.

Por fim agradeço a minha família de coração. Meus amigos, Jeyse Gabrielly, Daniel Santos e Davy Dessoles. Em especial a minha querida amiga Thais Carvalho que me incentivou a ingressar na Universidade de Brasília. Agradeço por aguentarem a minha ausência e me motivarem sempre. Angel Dessoles, agradeço por todo amor e carinho a mim dedicados.

Sem a colaboração de todos essa monografia não seria possível.

"Hoje eu vou comer pão murcho
Padeiro não foi trabalhar
A cidade tá toda travada
É greve de busão tô de papo pro ar" (Criolo)

RESUMO

O presente trabalho tem como tema central os movimentos sociais do Brasil recente, com destaque para como a bibliografia de Ciência Política analisa as Jornadas de Junho de 2013, e suas possíveis leituras. O objetivo é analisar o evento por três perspectivas e momentos diferentes: A origem das manifestações com a mobilização do Movimento Passe Livre; O curso do protesto com o surgimento dos Black Blocs e o fim do movimento com a tomada de pauta dos grupos conservadores. Para isso, foi usada uma abordagem metodológica de revisão bibliográfica, qualitativa, que busca estudar o movimento, utilizando o modelo de análise desenvolvida por Charles Tilly, Doug McAdam, Sidney Tarrow, "*Dynamics of Contention*", onde o evento será estudado de forma mais dinâmica e focando no papel do conflito. Conclui-se com o trabalho que a bibliografia de Ciência Política analisa os protestos de 2013, como um movimento social, mas sobretudo um movimento político, que moldou a forma como as manifestações seguintes aconteceram no país.

Palavras-chave: Jornadas de Junho de 2013; Política Contenciosa; MBL, Black Blocs, movimentos conservadores.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 — Esquema de análise da agenda clássica	18
Figura 2 — Modelo de política contenciosa.....	22

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

MBL	Movimento Brasil Livre
MPL	Movimento Passe Livre
PT	Partido dos Trabalhadores
VPR	Vem pra Rua

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	REVISÃO DE LITERATURA	14
3	DINAMICA DE CONTENÇÃO	17
3.1	Agenda Clássica dos Movimentos Sociais.....	18
3.2	Modelo de política contenciosa.....	21
4	ESTUDO DE CASO, JORNADAS DE JUNHO DE 2013	25
4.1	O início das Jornadas, Movimento Passe Livre em foco.....	25
4.2	No curso dos protestos, Black Blocs tomam à frente.....	27
4.3	Fim dos protestos, a captura dos grupos conservadores.....	31
4.4	Análise dos resultados.....	34
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
	REFERÊNCIAS	39

1 INTRODUÇÃO

O ano de 2013, começou de forma tranquila no país, os brasileiros vinham de uma década de prosperidade, onde a maioria parecia estar contente com o rumo do país. Em uma pesquisa realizada pelo Data Folha em dezembro de 2012, 92% dos brasileiros classificavam o governo da presidente Dilma como “ótimo”, “bom” e “médio”, apenas 7% classificavam como “ruim” ou “péssimo”. Na economia, os brasileiros também pareciam otimistas, em pesquisas divulgadas pela Folha de São Paulo (2013), 44% acreditavam que a situação econômica do país iria melhorar, 33% acreditavam que a situação permaneceria igual e apenas 13% acreditava que iria ficar pior.

O maior desafio para o Brasil parecia ser a Copa das Confederações, torneio global que começaria em junho, reunindo milhares de visitantes nas cidades do país. Os estádios estariam prontos? Os pontos turísticos estariam seguros para os estrangeiros? Os aeroportos, estradas e hotéis suportariam o grande fluxo de visitantes? Esses eram os principais questionamentos.

Em junho de 2013, o Brasil foi então atingido por uma onda de jovens, uniformizados, empunhado bandeiras e gritando palavras de ordem. O que era de se esperar, já que as grandes capitais do país estavam recebendo a Copa das Confederações - evento que deu o pontapé inicial nos eventos esportivos que foram realizados no país posteriormente -. Curiosamente, o que os jovens gritavam não tinha relação com futebol.

Ainda no final de maio de 2013, o prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, juntamente com o governador, Geraldo Alckmin, anunciaram um aumento de 6,7% nas passagens do transporte público da capital (G1, 2013), o que causou grande revolta nos paulistas, diante do fato, o Movimento Passe Livre, até então pouco conhecido pela população, convocou manifestações para a primeira semana do mês seguinte (G1, 2013).

O que começou com uma passeata com pouca adesão, reunindo cerca de dois mil participantes, em sua maioria estudantes e membros do MPL, ganhou corpo e mobilizou protestos em outras cidades do Brasil, em capitais como Rio de Janeiro, Goiânia, Minas Gerais e Brasília. Em 17 de junho, mais de 250 mil pessoas protestaram em 12 capitais e 16 cidades do interior. Estes eventos ficaram conhecidos

como as “Jornadas de Junho”, focadas na redução das tarifas de transporte urbano (OLIVEIRA; COSTA; NETO, 2013).

Com a adesão cada vez maior da população, as forças policiais do Estado se fizeram presentes, prontas para reagir a qualquer indício de desordem. Nos dias seis e sete de junho, às primeiras depredações nos transportes públicos começaram a ocorrer, provocando uma resposta imediata dos policiais, que reagiram com bombas de efeito moral e balas de borracha. Os protestos seguintes foram marcados pela repressão policial e pela adesão dos que ficaram conhecidos como Black Blocs, um grupo que cobria o rosto e vestia preto para dificultar a identificação. Utilizavam a tática do confronto direto, depredando símbolos do capitalismo e do poder, como bancos e prédios públicos, enfrentavam também os policiais com paus e pedras. Atuavam como uma forma de proteção coletiva e resistência dentro dos protestos (HACON, 2015).

Tais protestos começaram a tomar força e conseqüentemente, se desdobraram em novas pautas. Em uma pesquisa Datafolha de 20 de junho, 50% dos manifestantes na Avenida Paulista diziam estar ali “contra a corrupção”. Outros cartazes também exibiam mensagens como “não a PEC 37”, “hospitais padrão FIFA”, “fora Dilma, impeachment já”, “#vempraruá” (OLIVEIRA; COSTA; NETO, 2013).

Na fase final das manifestações, foi possível observar a ascensão de movimentos conservadores, que se organizaram em reação às pautas de esquerda e apresentavam descontentamento com o Partido dos Trabalhadores. Se mobilizaram em torno de agendas tradicionais, como defesa da família e da segurança pública, pautavam pelo fim da corrupção, governo Dilma Rousseff e do PT. Começaram de forma tímida e ganharam corpo o suficiente para assumirem o protagonismo das últimas manifestações de junho (TORI, 2023).

O MPL, coletivo que convocou os primeiros protestos, é um movimento que teve sua origem em 2005, na esteira dos movimentos sindicalistas, que na década de oitenta e noventa reivindicavam, por meio de grandes greves, os direitos trabalhistas. No entanto, o MPL surgiu com uma pauta distinta, focada na mobilidade urbana, emergindo originalmente com o propósito de instituir a tarifa gratuita nos transportes públicos, bem como, o direito à cidade para toda a população, especialmente para aquelas de áreas periféricas (SPINA, 2016). O Movimento Passe Livre surgiu com o início da popularização da internet e, em 2013, essa ferramenta desempenhou papel

crucial para assumir um protagonismo nas manifestações e conseguir mobilizar o maior número de pessoas.

Uma década após os eventos que movimentaram o país, surge uma demanda para examinar essas Jornadas como um movimento social e político, com foco nos atores e nas faces, sobretudo, dos progressos e desafios do movimento. Colocando foco nos diferentes lados e desdobramentos dos protestos.

O presente trabalho tem como tema central os movimentos sociais do Brasil recente. Onde, de forma mais concreta, será estudado o caso do MPL, dos Black Blocs e dos grupos conservadores. As seguintes perguntas guiaram o projeto "Como a bibliografia contemporânea da Ciência Política analisa as Jornadas de Junho após 2013? Quais as estratégias analíticas utilizadas nessas análises? Quais são as limitações e possibilidades dessas avaliações?" para responder esses questionamentos será feito uma leitura entre o texto de Doug McAdam, Sidney Tarrow, Charles Tilly "*Dynamics of Contention*" que define como acontece a política contenciosa focada no papel do conflito e da contenção na formação e na manutenção do poder político, e os textos escritos pós 2013, que explicam as Jornadas de Junho. De modo a encontrar semelhanças e diferenças entre os modos de análise. Combinando os resultados para chegar a conclusões mais robustas.

Será realizado um sucinto resumo sobre o Movimento Passe Livre, os Black Blocs, os grupos conservadores e seus caminhos até 2013. No entanto, o principal objetivo do projeto é analisar a trajetória e as implicações de 2013. O tema em questão apresenta uma lacuna na literatura, especialmente no que diz respeito à análise temporal. O presente artigo busca contribuir para o preenchimento desta lacuna.

Para responder essas questões, será realizada uma pesquisa bibliográfica, com base nos seguintes autores: SCARCELLI (2014), (TORI, 2023), (HACON, 2015), TAVOLARI (2016), SEIDL (2021), e SANTOS e PERREIRA (2019), OLIVEIRA; COSTA; NETO (2013) dentre outras bibliografias secundárias e reportagens.

O texto será dividido em capítulos para a melhor compreensão, no primeiro uma introdução as Jornadas de Junho de 2013, no segundo capítulo haverá uma revisão de literatura, no terceiro o conceito de política contenciosa desenvolvido por Doug McAdam, Sidney Tarrow, Charles Tilly será explicado, no quarto um estudo de caso dos protestos de 2013, confrontando os textos desenvolvidos sobre o assunto com a política contenciosa, o capítulo será dividido em quatro seções, as três

primeiras focadas em um ator das Jornadas de Junho de 2013 e a última uma análise dos resultados. Por fim apresentaremos as considerações finais, onde será exibido os resultados encontrados, as dificuldades do projeto e as sugestões.

Metodologia:

Na presente pesquisa, pretende-se compreender como a literatura de Ciência Política atual observa as Jornadas de Junho de 2013, optamos por uma pesquisa básica que busca trazer mais elementos a um assunto já estudado. Para isso, foi utilizado a metodologia de revisão bibliográfica, ou seja, empregamos textos que conversam sobre o assunto, bem como, reportagens da época e coletada de dados.

A pesquisa será descritiva, objetiva descrever as características do movimento que levou milhares de pessoas às ruas em 2013, através da análise da bibliografia. Foi utilizada uma análise qualitativa, com a seleção de informações e dados, para aprofundar a compreensão do tema destacado.

Quanto ao método, foi aplicado o método indutivo, análise de um fato determinado para se obter uma resposta específica, no caso, análise das Jornadas de Junho para compreender como a bibliografia estuda esse fenômeno. Quanto ao recorte temporal, iniciou-se em 2013 e jogamos luz no assunto 10 anos à frente.

Alguns dados analisados serão transformados em esquemas para a melhor compreensão e visualização. Serão então avaliados e interpretados para se constatar a forma com que a Ciência Política compreende o fenômeno.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Neste capítulo será apresentada a revisão de literatura sobre o tema, com a revisão de artigos relevantes.

Em 2005 o Comitê pelo Passe Livre Estudantil de Florianópolis, realiza uma plenária que convidava os outros Comitês do país, nesse evento criaram nacionalmente o Movimento Passe Livre, que funcionava de maneira, horizontal, apartidário e autônomo, isto quer dizer que não havia uma hierarquia definida, com o estabelecimento de cargos e funções e uma bandeira partidária a seguir (SCARCELLI, 2014). O movimento nasce não só como uma reivindicação pela tarifa gratuita, mas apresenta em seu cerne o direito à cidade, definido pelo filósofo francês Henri Lefebvre como o direito de usufruir da vida urbana e dos encontros sociais (TAVOLARI, 2016).

Como citando anteriormente, o MPL se apresenta como um movimento horizontal, isso quer dizer que não há uma liderança fixa e definida. O movimento está prestes a completar duas décadas, o que significa que a geração que militou em Florianópolis em 2005 não é a mesma de 2013, nem tão pouco a de 2024, os dirigentes se renovaram. No ano da sua formação os militantes eram envolvidos com partidos de esquerda, alguns ligados a “Juventude Revolução” do PT. Com o crescimento do movimento, novos integrantes foram inseridos, havia militantes ligados a grupos “anarquistas/ libertários”, sobretudo indivíduos definidos como “autonomistas” que sentiam até certa aversão a movimentos partidários. Em certa medida as divergências do movimento se iniciaram, um grupo que se uniu de forma apartidária era composto por indivíduos partidários. Foi observado então um distanciamento dos integrantes antigos. Uma barreira foi construída entre as duas gerações, onde os princípios de “autonomia, horizontalidade e apartidarismo do movimento se transformaram em dogmas e que o apartidarismo virou antipartidarismo” (SEIDL, 2021, pp.197).

Em 2013 o MPL foi protagonista das Jornadas de Junho, e alguns analistas contemporâneos costumam argumentar que o MPL e a sua atuação nas Jornadas foram o ovo da serpente para a ascensão dos movimentos de direita, a exemplo do MBL, está é uma análise um tanto quanto reducionista, e busca traçar uma linha de causa e efeito. No entanto, é possível encontrar ocorrências que podem ter

contribuído para essa escalada. No começo da década de 2010, se observou a insurgência de um “novo” tipo de manifestação, que se iniciou com a Primavera Árabe, eram apartidários, com mobilização e divulgação pelas redes sociais, pluralidade de pauta e de sujeitos protagonistas, rejeição da burocracia e da figura de líder. Tais movimentos valorizam os meios, não só o fim, coletivos que por meio da mobilização e dos atos de protesto em si encontram seu propósito. Diante de toda essa pluralidade, rejeição de liderança e diversidade de pauta, que o MPL perdeu o protagonismo nos eventos de 2013, os movimentos ligados à direita e ao conservadorismo viram nas Jornadas uma chance de pegar carona na mobilização inicial, até o momento que se tornaram maiores do que a própria. Em contrapartida, movimentos progressistas, a exemplo das ocupações secundaristas nas escolas em 2015 e do movimento feminista, tomaram força e também apreenderam com os protestos de 2013 (TORI, 2023).

Em 2014 as passagens do transporte público da capital paulista, voltaram a ter reajuste de preço, os integrantes do MPL convocaram então novos protestos pelo Facebook, com o seguinte discurso “Cada vez que a tarifa sobe, aumenta o número de pessoas excluídas do transporte coletivo. Com menos gente circulando, novos aumentos serão necessários, numa espiral que diminui cada vez mais o direito à cidade da população”. As manifestações de 2013 não fora o evento criador do direito à cidade, no entanto deram projeção nacional, social e política para o tema (TAVOLARI, 2016). Foram eventos caracterizados pela retomada dos grandes centros urbanos do país, com a ausência de um discurso político partidário, apenas a insurgência de indivíduos reivindicando uma pauta em comum e retomando os espaços urbanos, de modo que a cidade passou de ser apenas pano de fundo, para se tornar um ator nas manifestações. Foi retomado então o senso de coletividade, que não era visto desde as “diretas já” ou dos “caras pintadas”, a luta por tarifa justa se transformou na reivindicação por objetivos comuns (SANTOS; PERREIRA, 2019). A cidade passou a ser usada para além dos encontros cotidianos.

O ano de 2013 é visto como um ponto de virada na literatura do direito à cidade, isso porque o conceito que vem do filósofo e sociológico francês Henri Lefebvre, que pensou o usufruto das cidades em uma Paris de meados do século XX, buscando a cidade como um local de encontros e conflitos. Os espaços urbanos deveriam proporcionar a "festa" da população, bem diferente da realidade do mundo árabe de

2010 ou da brasileira de 2013. O conceito, que até então era mais conhecido na academia, tomou frente popular, unificou a esquerda em torno de uma pauta que continha a cidade como ponto de encontro e de reivindicação. A busca pelo direito à cidade tornou-se o ponto central das expectativas por transformação, dos ideais de igualdade, participação democrática e equidade dentro do ambiente urbano. Isso não se limita apenas aos movimentos sociais, mas também se reflete nas tentativas acadêmicas de compreender os protestos recentes (TAVOLARI, 2016).

3. DINÂMICAS DE CONTEÇÃO

Antes de se iniciar a discussão referente às Jornadas de Junho, é necessário se debruçar sobre o estudo das Dinâmicas de Conção.

Entre o final do século XX e o início do século XXI, os autores Doug McAdam, Sidney Tarrow, Charles Tilly, insatisfeitos com o rumo que os estudos sobre protestos políticos, revoluções, mobilizações nacionalistas, democratização, guerras e movimentos sociais se encaminharam, propuseram uma forma de análise diferente para esses movimentos, onde mapeiam mecanismos e processos causais que se repetem numa vasta gama de políticas contenciosas. Para ilustrar esse método os autores adotam de base em seu estudo grandes acontecimentos da história como a Revolução Francesa e a Guerra Civil nos Estados Unidos, dividem esses acontecimentos em episódios menores, para posteriormente identificar mecanismos e processos recorrentes entre eles.

Descrito como o pai fundador da sociologia do século XXI, Charles Tilly, nasceu em 1929 e faleceu em 2008, foi um sociólogo, cientista político e historiador, deu aulas em algumas universidades dos Estados Unidos, escrevia sobre a relação entre política e sociedade (THE NEW YORK TIMES, 2008). Sidney Tarrow, nascido em 1938 é professor emérito de *Maxwell Upson* de Governo e professor adjunto, de direito na Universidade Cornell. Com trabalhos que destacam os movimentos sociais e a política contenciosa (CORNELL UNIVERSITY, 2023). Doug McAdam nasceu em 1951, é professor de sociologia na Universidade de Stanford, trabalha com estudos focados em raça nos Estados Unidos, política norte-americana, movimentos sociais e política contenciosa (STANFORD). Os três autores em conjunto, construíram o que hoje chamamos de Política Contenciosa.

A política contenciosa é definida como episódica e não contínua, isso porque, não se analisa o movimento como um todo, de forma geral, contínua e homogênea, mas sim pequenos fragmentos de um movimento maior, heterogêneo e com diversas frentes. Ela ocorre em público, envolvendo a interação de formuladores de reivindicação e outros atores, o governo surge como mediador, alvo ou reclamante dessa equação. Os atores podem ser definidos como: I - Agentes do Governo; II - Membros da política (atores políticos com acesso a agentes e recursos governamentais); III- Desafiantes (atores políticos sem acesso a recursos e agentes

governamentais); IV- Sujeitos (pessoas ou grupos não organizados de maneira política) e atores políticos externos, a exemplo de outros governos. É necessário distinguir os mecanismos causais recorrentes para estabelecer o que é uma política contenciosa (Mc ADAM; TARROW; TILLY, 2001, p.12).

3.1 Agenda Clássica dos Movimentos Sociais

Para identificar a política contenciosa de forma mais clara, os autores propõem a análise da “Agenda Clássica dos Movimentos Sociais”, que nada mais é que o modo como havia sendo estudado os movimentos como guerras, nacionalismos, protestos e outros revoltas durante a década de 1960 e 1970 (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 14-18). O exame da agenda clássica é necessário para que posteriormente no estudo seja possível se distanciar dessa agenda, propondo uma pesquisa mais dinâmica, com ênfase nos mecanismos de mobilização.

Para tal, a atenção se concentra em quatro conceitos base: I - oportunidades políticas, podendo ser ora formados como estruturas estáticas de oportunidades, ora como ambientes políticos em mudança; II – estrutura de mobilização, definidas como organizações formais de movimento ou redes sociais da vida cotidiana; III - quadros de ação coletiva, tanto as constantes culturais que orientam os participantes quanto aqueles que eles mesmos constroem; IV - repertórios estabelecidos de contenção, e como esses repertórios evoluem em resposta a mudanças no capitalismo, construção do Estado e outros processos menos monumentais (McADAM; TARROW; TILLY, 2001. p 16-18). No esquema abaixo é possível observar a Agenda Clássica dos Movimentos Sociais:

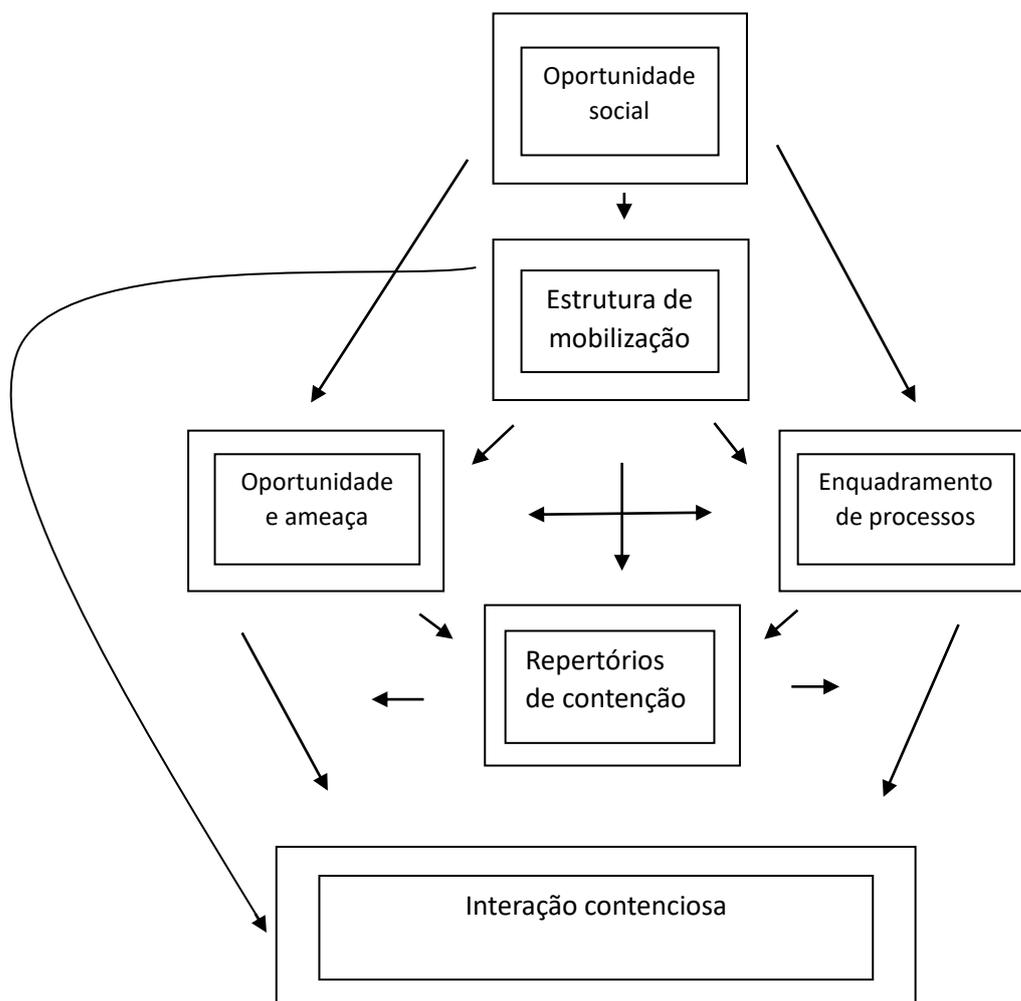


Figura 1: A Agenda Clássica do Movimento Social para explicar a Política Contenciosa.

Os pontos focais deste modelo de análise não foram abandonados e rechaçados completamente na política contenciosa. No entanto para os autores é possível encontrar quatro falhas que impossibilitam o modelo de ser usado para o estudo de políticas de contenção: I - o modelo não se concentra em relações dinâmicas, mas sim relações estáticas; II - o modelo é melhor aplicado quando usado em movimentos sociais individuais, em vez de episódios mais amplos de contenção; III - esse modelo tem sua origem datada da década de 1960 nos Estados Unidos, o que resultou em uma maior ênfase nas o oportunidades do que nas ameaças, com foco na expansão dos recursos organizacionais disponíveis, os invés de dar ênfase também para os défices organizacionais que os desafiantes sofrem e IV - dedica-se

sobretudo nas origens da crise, deixando de lado o exame das fases seguintes. (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 42)

A política contenciosa, estudada no livro "*Dynamics of Contention*" (2001), se distancia de modelos gerais mais conhecidos. A exemplo do modelo de escolha racional, que concentra eventos inteiros de disputas como um caso homogêneo. A política contenciosa avança na direção do estudo de mecanismos causais menores, que resultam em diferentes consequências em diversos contextos históricos.

Distinguimos os mecanismos, processos e episódios sociais, para que a análise possa caminhar para frente: Os mecanismos são essencialmente eventos ou processos que têm um efeito previsível ou repetitivo sobre como as coisas funcionam. Eles são como padrões reconhecíveis de mudança que ocorrem entre conjuntos específicos de elementos em diferentes situações. Por exemplo, um mecanismo ambiental pode ser algo como a mudança na disponibilidade de um recurso natural, como água ou terra, que tem um impacto direto na vida das pessoas que dependem desse recurso. Seja esgotamento ou melhoria desse recurso, esses eventos têm efeitos semelhantes, influenciando de maneira consistente a vida social e as interações humanas que dependem desses recursos (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 24).

Os processos são, sequências organizadas e regulares de tais mecanismos que resultam em transformações mais complexas e variáveis nos elementos envolvidos. Em suma, os processos são sequências e combinações dos mecanismos. Por fim, os episódios sociais são os acontecimentos contínuos de disputas, abarcando reivindicações coletivas que afetam os interesses de outras partes, envolvem dois ou mais processos. Os mecanismos, os processos e os episódios andam juntos, um completando o outro (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 24).

Dentro de um episódio é possível identificar atores, formas de ação e interação diversas, ou seja, um episódio tem múltiplos processos e mecanismos dentro de si (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 30-31). Com base no nosso tema pode-se ilustrar essa ideia. As Jornadas de Junho, objeto de estudo, possui dentro de si mecanismos, processos e episódio social. Como mecanismo pode-se citar o aumento da passagem nos transportes públicos, como processo destaca-se a mobilização do Movimento Passe Livre, a repressão policial, o surgimento dos Black Blocs e a

emergência de grupos conservadores. Por fim, como episódio social apresenta-se as Jornadas de Junho de 2013.

A forma como examinamos e discernimos o episódio é diferente de acordo com o foco aplicado, Tilly exemplifica com os *Anni di Piombo* (Anos de Chumbo) na Itália, um período de 1960 a 1980, onde o país viveu momentos de instabilidade sócio-política, marcada por atos de terrorismo e ataques tanto da extrema direita como da extrema esquerda. Se a lupa de análise se debruçar sobre os estudantes que iniciaram os protestos, o caso Italiano não se distancia de outras rebeliões estudantis do séc. XX, resolvida de maneira rápida com melhorias educacionais. Por outro lado, se o foco for sobre o movimento operário industrial encontramos uma rebelião muito mais longa e contida. É plausível dizer que de acordo com o foco é possível encontrar diferentes mecanismos e processos em ação de acordo com qual setor de contenção se focaliza ou qual período do ciclo examinamos (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 32)

No estudo de caso do trabalho: As Jornadas de Junho de 2013, podem ser definir de maneira geral como: protestos contra o aumento na tarifa do transporte público por todo o Brasil. No entanto, se utilizada a teoria de Tilly, as Jornadas podem ser separadas em múltiplos mecanismos e processos: surgimento da mobilização com o protagonismo do Movimento Passe Livre, resultando na redução das tarifas do transporte após um mês de protestos, se focar na forte repressão policial temos como desdobramento o surgimento de Black Blocs, passando para o fim dos protestos observa-se a ascensão de movimentos conservadores e de extrema direita. A forma como se enxerga o episódio vai depender do foco que se coloca, e do ciclo analisado.

3.2 Modelo de política contenciosa

O modelo de análise da política contenciosa vai focar nos processos dinâmicos em que atores políticos, identidades e formas de ação surgem, se relacionam, se juntam e evoluem durante um episódio de contenção. A rigidez do modelo clássico de agenda dos movimentos sociais não é suficiente para esse tipo de estudo, o modelo proposto é dinâmico, concentra-se no episódio de forma mais ampla (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 43)

As “oportunidades e as ameaças” em vez de serem observadas como fatores estruturais e objetivos, podem ser estudadas como sujeitas a atribuição. Ou seja, as

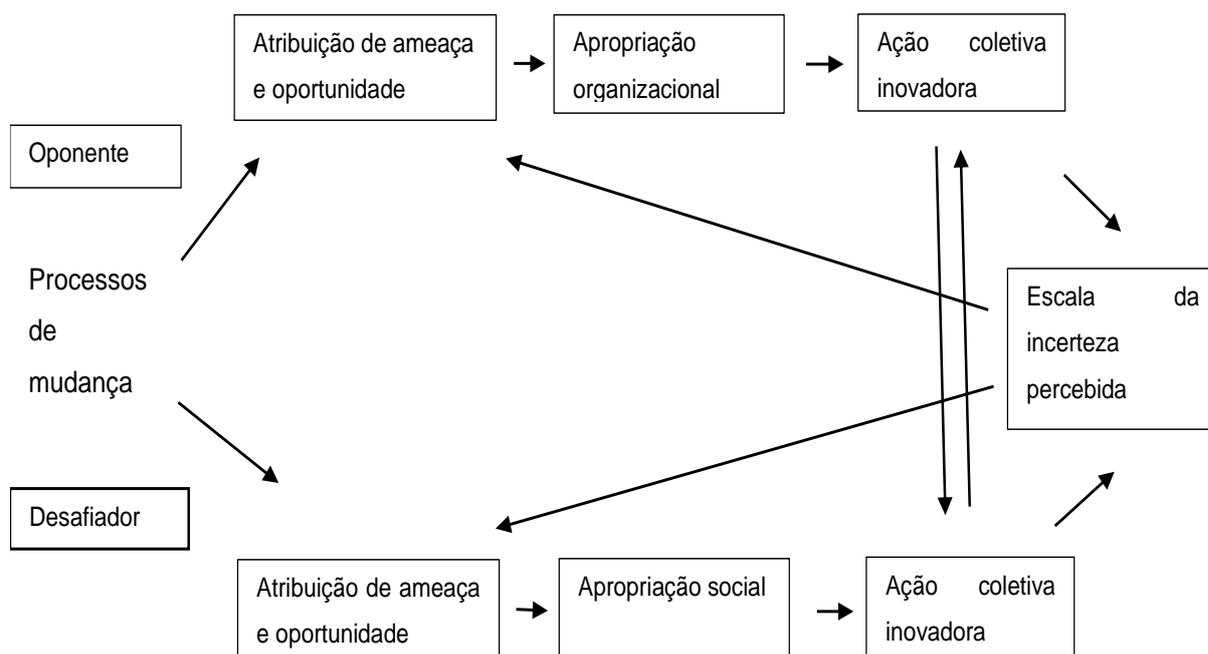
oportunidades podem estar dadas, incitando os atores para a mobilização, no entanto para que a mobilização ocorra, só isso não é necessário, é indispensável a presença de potenciais desafiantes, que percebam o momento como uma oportunidade, o mesmo é válido no caso da ameaça. Embora a ameaça de repressão seja mais palpável, ou seja, mais fácil de reconhecer do que a oportunidade de participar. A atribuição de oportunidade ou ameaça é essencial como mecanismo de ativação da mobilização de indivíduos inertes (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 43).

No que tange às estruturas de mobilização pré-existentes, é preferível observar a apropriação ativa dos locais de mobilização. A apropriação social será levada em conta como um segundo mecanismo, que vai permitir às populações exploradas ou com poucos recursos superar os défices organizacionais (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 44).

Sobre o enquadramento, ele costuma ser uma ferramenta usada de forma estratégica pelos líderes dos movimentos, no entanto não se deve limitar essa ferramenta importante a eles. Amplia-se o enquadramento para englobar os desafiantes, os oponentes, elementos do Estado, terceiros e meios de comunicação. É importante citar também que o meio político no qual o conflito está envolto auxilia a enquadrar as suas reivindicações, já os meios de comunicação têm o papel de enquadrar os participantes (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 44).

A análise da política contenciosa não delimita os repertórios de ação dos grupos desafiantes. Joga luz na ação coletiva dos desafiantes e de seus oponentes. Por fim, a origem do episódio de conflito em que pessoas previamente interventoras se mobilizam, não é o ponto crucial, o estudo concentra-se no processo de mobilização de forma mais ampla (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 44).

As alterações de uma agenda rígida para um conjunto de mecanismos interativos, estão ilustradas no modelo de mobilização revisada na figura 2:



Colocando frente a frente o modelo de agenda clássica dos movimentos sociais ilustrada na figura 1 com modelo de política contenciosa da figura 2, é possível observar um distanciamento de variáveis estáticas para mecanismos mais dinâmicos. Foi substituído por uma visão dinâmica dos debates internos e processos interativos pelos quais os grupos sociais buscam definir e agir sobre um ideal de propósito e identidade coletiva, o que antes era estudado como uma visão objetiva das oportunidades, da capacidade organizacional, do enquadramento e dos repertórios de uma dada “estrutura mobilizadora” (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 46)

Oportunidades e ameaças: Não é como se as oportunidades simplesmente surgissem e qualquer indivíduo as aproveitasse. As oportunidades precisam ser vistas por olhos atentos e treinados, precisam ser construídas e além de tudo equilibradas com as ameaças. As oportunidades surgem e pessoas com experiência no processo aproveitam (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 46).

Apropriação social: Para os autores essa é a capacidade do indivíduo desafiante de tomar para si a organização dos indivíduos, juntando um número suficiente de pessoas para fortalecer uma base social organizacional. Não é necessário apenas a organização para tornar uma mobilização possível é preciso apropriação social (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 47).

Construção social: Os escritores vão propor que os movimentos sociais não dependem apenas do planejamento estratégico ou da formulação de uma mensagem por um líder. Os movimentos têm suas raízes em momentos em que os indivíduos interpretam eventos e pela construção social lhes atribuem significado. Dentre eles, estão aqueles que resultam na atribuição de novas oportunidades e ameaças por um ou mais partes emergentes. Em resumo, assim como a vida social a mobilização está impregnada de esforços coletivos de interação e construção social (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 47).

Ação coletiva inovadora: No geral, trata do conhecimento prévio compartilhado entre as pessoas que participam de uma manifestação, as ligações entre indivíduos-chave e a orientação no local, vão mapear o fluxo da ação coletiva (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 47).

Atores: Os atores não são seres claramente definidos com atributos fixos, são seres integrados na sociedade, que interagem com outros indivíduos análogos, sofrendo com modificações à medida dessa interação. O estudo da política contenciosa no que diz respeito aos atores, envolve a construção social de categorias politicamente relevantes, que adotam maneiras de interação com aliados, apoiadores ou alvos de reivindicações. Não se mobilizam sem uma base significativa de laços criados em contenções passadas e/ou vida social rotineira. Os reclamantes geralmente têm uma relação de interação estratégica com os seus objetos de reivindicação, agentes estratégicos e representantes de autoridades públicas, gerando respostas, é possível dizer que cada desdobramento de um movimento é encarado como resposta a resposta das autoridades. Usualmente, eles também precisam lidar com diversas formas de repressão (McADAM; TARROW; TILLY, 2001, p. 56-57).

4. ESTUDO DE CASO

Nesse capítulo será apresentado um dos objetivos do nosso estudo, colocar luz nas Jornadas de Junho de 2013, com as lentes da Dinâmica de Contenção. Tais mecanismos estabelecem que ao depender do momento de análise de um movimento, o evento pode ser visto de maneira diferente, ou seja, com base no fragmento de tempo analisado e no ator em destaque, o evento pode tomar uma forma diferente da conhecida.

Com base em tal teoria foi analisada as Jornadas de Junho de 2013 em três perspectivas: O início das Jornadas, Movimento Passe Livre em foco; o curso do processo, Black Blocs tomam à frente e o fim dos protestos, a captura dos grupos conservadores. Para tal, será feita a análise de três textos que conversam com a temática: “As origens do Movimento Passe Livre: do trabalho em escolas à autogestão no transporte” do autor Oliver Scarcelli (2014); “A emergência dos Black Blocs no contexto das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil: da tática de resistência ao movimento social” da autora Vanessa de Souza Hacon (2015) e “Junho de 2013 a Contrapelo: Controvérsias e Insurgências de um Brasil Não Raso” do autor Lucca Amaral Tori (2023).

4.1 O início das Jornadas, Movimento Passe Livre em foco:

O Movimento Passe Livre surgiu em 2005 com uma organização horizontal, apartidária e autônoma, bebendo do conhecimento das manifestações sindicalistas do final do século XX, que dominavam as grandes capitais reivindicando melhores condições trabalhistas. Outro evento que influenciou fortemente o surgimento desse movimento, foram os protestos contra o aumento de tarifas no transporte público no início dos anos 2000, a exemplo da “Revolta do Buzu” em Salvador em 2003, com milhares de manifestantes bloqueando as ruas da capital baiana, os integrantes do protesto tinham como lema “essa não é uma luta somente dos estudantes, mas de toda a sociedade”, a mobilização se espalhou por diversas ladeiras da cidade. O preço da passagem não diminuiu, mas o movimento marcou a história e o futuro do movimento estudantil na Bahia e da luta por transporte público acessível e de qualidade (SCARCELLI, 2014).

Durante os anos seguintes a sua formação, o MPL foi realizando pequenos protestos e mobilizações com o objetivo de divulgar e promover o conceito de tarifa zero para todos no transporte público. Suas ações visavam conscientizar a população sobre a importância do transporte gratuito como um direito social. Foram ganhando corpo e garantindo mais adeptos e em 2013, observou no anúncio do aumento das passagens de transporte urbano na metrópole paulista uma oportunidade de luta, assim como os baianos enxergaram em 2003. A oportunidade estava dada, a maior capital do país, que atende milhões de passageiros diariamente, tinha anunciado aumento nos preços das tarifas sem nenhum aviso prévio. Os integrantes do movimento enxergaram a oportunidade e usaram dos seus conhecimentos anteriores com mobilização para convocar protestos pela cidade.

É possível dizer que o MPL, deu um salto de qualidade, quando propôs a formação de um movimento social organizado, pautado em um tema maior é legítimo, o direito à mobilidade urbana de forma democrática e gratuita (SCARCELLI, 2014). Esse fator permitiu a formação de um coletivo com potencial de capitalização e mobilização das massas. Sendo assim, para o texto “As origens do Movimento Passe Livre: do trabalho em escolas à autogestão no transporte” do Oliver Scarcelli, o MPL soube aproveitar as oportunidades desde de sua origem.

Quanto à apropriação social, o Movimento Passe Livre utilizou dos ensinamentos de protestos anteriores e do seu trabalho em escolas, onde discutiam com os alunos a centralidade da mobilidade urbana em suas vidas, incentivando a organização autônoma e a participação em mobilizações do MPL. O coletivo já tinha uma forte estrutura de organização definida (SCARCELLI, 2014). Foi capaz de mobilizar, um número de participantes e se apropriar da massa revolta, fortalecendo a base para levar mais gente às ruas. Mobilizou a massa e deu sentido ao protesto.

É importante destacar que no início dos anos 2010, redes sociais como o Facebook estavam em alta com milhões de usuários. O MPL, soube usar dessa plataforma como um instrumento para mobilizar uma maior quantidade de indivíduos, quando as redes eram ainda pouco exploradas para esse meio.

Tilly destaca a importância da construção social para o surgimento de um evento, destacando que não depende apenas da mensagem de um líder, a construção de um evento é coletiva entre diversos indivíduos. As Jornadas de Junho, quando analisadas sob a perspectiva do MPL como impulsionador dos protestos, revelam um

planejamento estratégico mais amplo por parte desse ator. No entanto, o Movimento Passe Livre tem em sua organização o princípio da não hierarquia, dando espaço para indivíduos de fora do movimento terem suas vozes ouvidas, havendo um esforço coletivo envolvido (SCARCELLI, 2014).

O texto destaca o MPL como principal ator das Jornadas de Junho, foram eles que convocaram para a mobilização assim que o aumento tarifário foi anunciado e organizaram o movimento para que ele ganhasse força o suficiente para ser reconhecido como um movimento social, em vez de ser apenas mais um protesto contra aumento tarifário. Com experiência em protestos anteriores, o movimento tinha conhecimento da importância de interagir com outros aliados e apoiadores que não faziam necessariamente parte do coletivo, além de compreender a necessidade de dialogar com os alvos das reivindicações para que o aumento das passagens fosse revogado. Após os protestos, o Estado brasileiro foi compelido a revisar algumas de suas políticas, especialmente as relacionadas ao transporte público (SCARCELLI, 2014).

4.2 No curso dos protestos, Black Blocs tomam à frente:

O ciclo de protestos e confrontos de junho de 2013 começou de forma pacífica, os primeiros protestos em forma de passeatas reuniram cerca de dois mil participantes, em sua maioria estudantes e integrantes do Movimento Passe Livre. Os protestos cresceram sem grandes intervenções, mas já marcados pela presença massiva das forças de segurança (HACON, 2015).

Nos dias seis e sete de junho foram registrados os primeiros atos de depredação em estações do metrô e estabelecimentos públicos nas capitais paulista e carioca. Esses incidentes resultaram nas primeiras respostas por parte das forças de segurança. Em 11 de julho os protestos com cerca de 5 mil participantes foram marcados pelo uso de coquetel molotov, paus e pedras. No dia 13 de junho ocorreu mais uma manifestação, os protestos começaram sem registros de ocorrências graves, até o momento em que os manifestantes foram impedidos de seguir até a Avenida Paulista e o confronto foi iniciado, os policiais agiram de forma mais violenta, com bombas de efeito moral e balas de borracha contra a multidão. Em resposta, os manifestantes atiraram objetos e rojões, picharam ônibus e incendiaram restos de lixo. O resultado foi 232 pessoas presas, mais de 100 feridos, dentre eles 17 profissionais

da imprensa, incluindo o fotógrafo Sérgio Silva que perdeu a visão de um dos olhos, decorrente de uma bala de borracha disparada pela Polícia Militar de São Paulo (BBC, 2023).

Nesse contexto, emergem os Black Blocs, compostos por grupos de indivíduos distintos autointitulados como uma tática de resistência e autodefesa, não eram organizados como os movimentos sociais tradicionais, no entanto manifestavam uma certa homogeneidade, com um nível que organização, mesmo que improvisado nas ruas. Nesse contexto, é possível identificar uma tática de autodefesa, incluindo confrontos contra as forças policiais do Estado. Bem como, foi possível observar uma abordagem performática contra símbolos do capitalismo e do poder, com depredação de bancos, sedes do governo e grandes empresas. Ainda no campo da performance, observou-se o uso de vestimentas pretas ou escuras e o uso de panos para cobrir o rosto, dando de forma não-hierarquizada coesão para o grupo e anonimato para os integrantes, impedindo a criminalização dos atos, bem como, protegendo de instrumentos usados pela polícia, como bombas de gás lacrimogêneo (HACON, 2015).

Diante do contexto de forte repressão policial, os Black Blocs emergem nos protestos de junho de 2013. A oportunidade para mobilização estava entregue, os Black Blocs souberam aproveitar. Com a coerção policial era de se esperar que os protestos perdessem força e se diluíssem com o passar dos dias, no entanto não foi que aconteceu, em 13 de junho segundo dados do Datafolha foram às ruas 6.500 pessoas, menos de uma semana depois, em 17 de junho já eram 65.000 nas ruas. Dentre os manifestantes foi possível identificar os denominados Black Blocs, que responderam a ação violenta do Estado com a depredação de agências bancárias e lojas do comércio (HACON, 2015).

Para Tilly, as oportunidades devem ser equilibradas com as ameaças, no caso dos protestos iniciados em junho de 2013, às ameaças para os Black Blocs eram constantes, a repressão estatal em forma de ação violenta da força policial, era massiva, muito repressiva e desproporcional, os policiais tinham bombas de efeito moral e balas de borracha, enquanto os manifestantes tinham pedras e paus. No entanto para os Black Blocs, as oportunidades de reivindicação eram mais autênticas.

Quanto a apropriação social, ou seja, a capacidade de mobilizar os indivíduos que estavam dispersos, os Black Blocs além de encampar muitas das bandeiras levantadas pelos manifestantes ao longo dos levantes populares de junho, inauguram o que podemos chamar de novos repertórios de luta. A autora Hacon (2015), se propõe a denominar os Black Blocs como um *quase grupo*, que busca abranger um conjunto de manifestações sociais, como na figura de coalizões, associações e facções, esses *quase grupos* têm como elemento em comum a sua condição transitória e temporária, que os impedem de ter uma longa duração. Além disso, eles apresentam a ausência de estrutura identificada, sem organização tradicional. É interessante notar que dentro desses *quase grupos* existe uma comunhão de interesses latentes, que, inclusive, podem vir a resultar na formação eventual de um grupo definido, com estruturas e objetivos mais claros.

A ação coletiva inovadora, trata do conhecimento partilhado entre os participantes de uma manifestação. Nesse sentido, como dito anteriormente, os Black Blocs se apropriaram de bandeiras que já estavam em voga, no entanto estrearam o que a autora chama de novo “repertório de luta” (HACON, 2015). Esse tipo de tática é original da Alemanha da década de 1980, desenvolvida por grupos anarquistas e de extrema esquerda durante protestos contra a construção de usinas nucleares, ações militares e a repressão policial (BigThink, 2019). No entanto, nunca tinha sido usada em protestos brasileiros, o que causou uma ação coletiva inovadora, sem muito conhecimento prévio, para além das experiências internacionais. Esta tática apresenta uma natureza heterogênea, sem a presença de líderes, baseada na reação, ou seja, as ações dos Black Blocs são em resposta às ações do Estado (HACON, 2015).

Para Tilly a construção social ultrapassa o enquadramento estratégico. Na construção social a formação de um movimento vai depender não da mensagem de um líder, mas da maneira como os indivíduos interpretam os eventos e, como por meio da construção social, lhes atribuem significado. No escopo dos Black Blocs é possível identificar que há ausência da figura de liderança, em contraposição ao uso de tecidos tampando o rosto dos indivíduos, incorporando o sujeito coletivo da ação, descentralizando a sua origem e colocando como figura central um indivíduo abstrato e anônimo, privilegiando a horizontalidade e autonomia, isso impede que a liderança se destaque e capture a "agenda" coletiva. Na construção social, o coletivo arquiteta

a agenda e os significados, é possível observar dois enfoques essenciais: I - a luta anticapitalista, intensificada pela versão neoliberal, responsável pelos aumentos das disparidades sociais; II - luta antiestatista, aprofundada pela desilusão com a política, pelas relações entre capital e Estado, bem como, pela reação violenta do Estado frente às manifestações (HACON, 2015).

Na política contenciosa os atores são seres comuns, integrados na sociedade, que interagem com outras pessoas análogas, sofrendo com modificações à medida dessa interação. Esclarecido isso, a autora destaca que os Black Blocs vistos nas manifestações de junho de 2013, são atores emergentes da sociedade, não vistos antes em protestos brasileiros. Ressalta ainda, que do ponto de vista da ação coletiva, eles foram um dos maiores fenômenos das Jornadas de Junho, nesse sentido (HACON, 2015).

Os atores que se identificavam como Black Blocs eram seres comuns do corpo social, que tinham como ponto de ligação, uma tática de ação coletiva, que buscava um objetivo maior, mesmo que momentâneo e passageiro. A estratégia de cobrir o rosto, garantia a formulação de uma agenda que buscava interesses em comum (HACON, 2015).

Quanto ao diálogo com outros apoiadores e opositores, é possível observar apenas um distanciamento e um certo tom de crítica às formas tradicionais de organização, a exemplo, de partidos políticos e de instituições sindicais, vistas como conservadoras e burocratas. O que não significa uma rejeição completa a essas formas de organização, ao invés disso, tratava-se de um projeto para transformar essas instituições e suas formas de luta. Eliminando a divisão entre a base, ou seja, os membros comuns e os setores que defendem a resistência e a ação direta. Por conta disso, há um apelo por formas de organização não-hierárquica, com relações horizontais e descentralizadas, resultando em maior autonomia e liberdade para o movimento (HACON, 2015).

Para se compreender as formas de ação coletiva é necessário considerar a relação dialética entre autoridade, que no caso está representada pela figura do Estado, e a resistência, representada nas lutas sociais. Essa relação nos ajuda a entender como os oponentes interagem e como a resistência depende dos níveis de repressão impostos pela autoridade, ou seja, como a relação entre Estado e lutas sociais vão depender do nível de repressão que o Estado põe sobre as lutas sociais.

Dito isso, quando analisados esses elementos no contexto das Jornadas, faz sentido que os Black Blocs cobrissem o rosto para manter o anonimato. Evitando a identificação e a criminalização dos atos. Quanto à repressão, ficou claro que nos protestos de junho a violência policial foi sem propósito e desproporcional, se tornando um fator fundamental para mobilização das massas e para a oposição aos policiais. Nesse sentido, a autoridade policial gerou e moldou a resistência, e isso só foi possível graças ao anonimato (HACON, 2015).

Em suma, para entender as ações coletivas, é fundamental considerar a relação entre resistência e autoridade. Nos protestos de 2013, a violência policial foi um catalisador importante para a mobilização e resistência dos manifestantes, que usaram o anonimato como uma tática de proteção contra a repressão.

4.3 Fim dos protestos, a captura dos grupos conservadores:

É inegável que as manifestações de junho se transformaram em um movimento maior do que a reivindicação pela redução das tarifas de transporte público. Os primeiros protestos foram marcados por cartazes e faixas reivindicando a redução nas tarifas de transporte: “R\$: 3,20 é roubo”, “Se a tarifa não baixar, a cidade vai parar”. No entanto, no segundo momento, como analisado, a força policial apresentou forte repressão e os Black Blocs manifestaram-se e reagiram. Já no terceiro momento os grupos conservadores surgiram com cartazes apresentando pautas totalmente diversas, “Fora Dilma”, “Hospitais padrão FIFA”, “acabem com a corrupção” dentre outras reivindicações, a pauta do transporte público se perdeu entre impeachment, saúde, educação, infraestrutura e corrupção, o que havia em comum entre esses manifestantes era o antipartidarismo, a quase aversão total aos partidos, sobretudo partidos de esquerda.

Quando colocado luz nas Jornadas uma década depois, é fácil observar inúmeras análises que colocam os protestos iniciados em 2013 como o ovo da serpente no que tange a ascensão da direita e de grupos conservadores, que resultou em diversos acontecimentos em cascata: surgimento de grupos conservadores como Movimento Brasil Livre em 2013, o início da operação lava-jato em 2014, o impeachment da ex-presidenta Dilma em 2016, a eleição do ex-presidente Bolsonaro em 2018 e a invasão da Praça dos Três Poderes em 2023. No entanto, essa análise de causa e efeito pode parecer um pouco reducionista quando vista desta maneira

linear. Será analisado o texto “Junho de 2013 a Contrapelo: Controvérsias e Insurgências de um Brasil Não Raso” do autor Lucca Tori, que buscar “escovar a história a contra-pelo” em relação às Jornadas de Junho, se aprofundando nos detalhes, complexidades e contradições, para além de conclusões rasas e de uma análise hegemônica e limitada. Para compreender, como os grupos conservadores se tornaram protagonistas no terceiro momento dos protestos de Junho (TORI, 2023).

Contudo, é possível analisar a insurgência de movimentos conservadores nas Jornadas de Junho. No que tange ao surgimento de oportunidade, pode-se dizer que os movimentos conservadores pegaram carona no que estava sendo feito pelo MPL. O Movimento Passe Livre tem como princípio a ideia de não ser hierarquizado, ou seja, qualquer indivíduo do grupo tem a mesma relevância, isso para o autor, abriu espaço para visões ideológicas distintas, dessa forma tendências ideológicas de centro e de direita pegaram carona no movimento. O autor argumenta que os caronistas eram tantos que acabaram por assumir a direção do veículo, isso foi possível observar nas últimas manifestações do mês de junho, onde a maior parte dos manifestantes vestiam verde e amarelo e traziam cartazes que não tinham relação com transporte público e redução de tarifa (TORI, 2023).

Pode-se afirmar que a direita soube usar dos atores que estavam dispersos no movimento, avistaram naquela massa revolta um potencial de mobilização e reivindicação, souberam ainda utilizar do contexto político do país. Naquele momento o Brasil passava por grandes obras de infraestrutura para receber três grandes eventos esportivos, a Copa das Confederações em 2013, a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas do Rio de Janeiro em 2016, a população já estava incomodada com as grandes obras de infraestrutura que para além do turismo, nada de positivo trariam para a sociedade brasileira. População infeliz com os rumos da nação, mais protestos em todo o país, foi o necessário para a direita se beneficiar da massa e ecoar “O Gigante Acordou” “Impeachment já” (TORI, 2023). O movimento conservador, mobilizou para si, um número significativo de manifestantes. Podendo atribuir ao movimento um certo grau de apropriação social.

No que diz respeito à ação coletiva inovadora, os movimentos conservadores não tinham muito conhecimento de manifestação prévia. Dos anos 2000 até 2013, não foram vistos grandes protestos pelo país de grupos de direita ou de grupos mais ligados a pautas conservadoras. O conhecimento prévio que esses grupos tinham

eram, algumas manifestações antigoverno, mais que mobilizaram poucos participantes. Por outro lado, assim como o Movimento Passe Livre estava aprendendo com os movimentos da Primavera Árabe, os grupos mais conservadores também desenvolveram técnicas de mobilização de grandes massas, pelas redes sociais, aprendizado esse foi utilizado e aperfeiçoado em protestos pós-2013 (TORI, 2023).

Nas Jornadas de Junho, é possível observar uma construção social. Os grupos conservadores não tinham líderes definidos, era comum ver carros de som com jovens da classe média falando sobre assuntos diversos como corrupção, saúde e educação, no primeiro momento não haviam dirigentes ligados a partidos. Sem que houvesse um líder a quem seguir, os indivíduos que se diziam apertados formaram um grupo maior, e que posteriormente se desdobraram em coletivos como Movimento Brasil Livre (MBL), o Vem pra Rua (VPR) e o Revoltados Online. As ocupações dos centros urbanos foram fundamentais para criar um senso de coletividade, superando o receio individual de protestar contra o governo (TORI, 2023).

Os atores conservadores dos protestos de junho eram indivíduos sem ligação com partidos, que se encontravam insatisfeitos com os rumos do país. Eram no geral indivíduos da classe média, que não foram beneficiados pelas políticas públicas dos governos de esquerda, sobretudo do governo federal que apostava em políticas de redistribuição de renda para as classes sociais marginalizadas. Eram cidadãos que viam nesses políticos tradicionais de esquerda figuras corruptas (TORI, 2023).

Como explica Tilly, os atores não são entidades claramente definidas, mas sim seres integrados na sociedade, que interagem com outros indivíduos semelhantes. O surgimento dos grupos conservadores nas Jornadas de Junho, aconteceu dessa forma, indivíduos comuns da sociedade com pautas a serem reivindicadas, que encontraram outros indivíduos que reivindicavam as mesmas pautas. A direita conseguiu transformar as mobilizações em um movimento focado no combate à corrupção, um tema que ressoa em todas as classes sociais. No entanto, também conseguiu vincular essa causa a uma agenda política e ideológica da direita.

4.4 Análise dos resultados

Nesta seção será feito uma exposição dos resultados encontrados, analisando como a Ciência Política contemporânea compreende os protestos de 2013, se a abordagem *Dynamics of Contention* foi viável para estudar as Jornadas, e quais vantagens e desvantagens o método apresenta.

As Jornadas foram uma oportunidade para o surgimento de novas táticas de resistência nunca vistas no país, a exemplo dos Black Blocs. Grupo que surgiu nos protestos de junho e não foram mais vistos em grandes mobilizações nacionais.

Foram fundamentais também para o afloramento e fortalecimento dos grupos conservadores e de direita, esses indivíduos estavam dispersos e inertes na sociedade e encontraram nas ruas e nas redes sociais um lugar de acolhimento e representatividade.

Quanto ao Movimento Passe Livre é possível dizer que o coletivo teve seu grande momento nos protestos de junho. Aproveitaram a repercussão para espalhar a ideia central do grupo, mobilidade urbana para todos. Temáticas como o direito à cidade e tarifa zero surgiram nos debates. Os protestos feministas e estudantis da década seguinte, usaram o coletivo como exemplo.

As manifestações foram ainda um marco na maneira como as mobilizações seguintes passaram a acontecer, antes as redes sociais não eram usadas como meio de convocação para protestos, depois de 2013 foi possível constatar uma mudança significativa. Todos os grandes protestos tanto da esquerda quanto da direita são convocados por redes como Instagram e Facebook, e grupos no WhatsApp e Telegram.

Com base na nossa análise é possível dizer que as Jornadas de Junho foram um grande movimento social, mas sobretudo um movimento político. Apontado como um marco nos protestos do Brasil recente. Alteraram a dinâmica estabelecida anteriormente.

Pode-se concluir também que a abordagem desenvolvida por Doug McAdam, Sidney Tarrow, Charles Tilly, a política contenciosa, foi adequada para analisar as Jornadas de Junho de 2013. Por contar com uma metodologia mais dinâmica que foca no processo, foi viável realizar uma pesquisa mais aprofundada dos protestos. Foi possível analisar as etapas dos protestos de forma heterogênea, dividindo as fases em

três momentos de análise, e traçando no interior de cada uma as oportunidades, ameaças, apropriação social, construção social, ação coletiva inovadora e os atores em destaque.

O método é vantajoso para estudar movimentos com os das Jornadas de 2013, pois permite uma compreensão mais profunda das dinâmicas do conflito, proporcionando uma análise de como os conflitos e movimentos sociais surgem, detalhando sobretudo os desdobramentos. É vantajoso também, por levar em consideração diversos fatores de análise, observando os interesses, estratégias e contexto histórico. Por fim, destacamos o foco nas relações e interações entre os atores envolvidos, permitindo uma compreensão de como as rivalidades e negociações influenciam na dinâmica dos conflitos. Como desvantagem aponta-se uma possível marginalização dos aspectos culturais e psicológico dos atores. A *Dynamics of Contention* se concentra nas dinâmicas de poder e conflito entre os atores, estudando interações em termos de interesse e estratégia, no entanto a cultura, os valores e os fatores psicológicos individuais e coletivos podem impactar na formação desses conflitos e no seu desdobramento.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando se iniciou do trabalho de pesquisa constatou-se que havia uma demanda para examinar os protestos de 2013 como um movimento social e político, com foco mais dinâmico nos atores e nas faces do movimento. Com ênfase nos diferentes lados e desdobramentos dos protestos. Por conta desta lacuna se tornou necessário fazer uma leitura sobre as Jornadas de Junho de 2013.

Diante disso a pesquisa teve como objetivo geral compreender como a bibliografia contemporânea da Ciência Política analisa as Jornadas de Junho após 2013. Para isso foi analisado os protestos que movimentaram o país, com as lentes da teoria desenvolvida por de Doug McAdam, Sidney Tarrow, Charles Tilly, a política contenciosa, que diferente da agenda clássica de análise dos movimentos sociais que trabalha com o estudo mais estádio dos acontecimentos e das relações, generalizando casos complexos e heterogêneos, de forma a colocá-los como homogêneo e contínuos. Optamos pela política contenciosa que analisa de forma mais dinâmica e heterogênea os episódios sociais.

Como objetivo específico, o projeto buscava estudar quais as estratégias analíticas utilizadas nessas análises, foi possível constatar que as estratégias foram mais dinâmicas, com foco nas múltiplas faces das Jornadas de Junho de 2013, se debruçando sobre a origem do movimento, mas sobretudo focando nos desdobramentos dos protestos e em como eles resultaram em dinâmicas não vistas antes do país, como o surgimento da tática Black Blocs ou a tomada de protagonismo da direita conservadora que estava adormecida.

Este trabalho tinha como objetivo também compreender quais eram as possíveis limitações e possibilidades dessas avaliações, conclui-se que as análises sobre o Movimento Passe Livre poderiam ir mais a fundo no papel do MPL nos protestos em si, como destaque para como ocorreu o processo de mobilização. Quanto as avaliações sobre os Black Blocs não foram encontradas limitações significantes. Nas avaliações sobre os movimentos conservadores, notou-se uma lacuna em identificar ao certo qual era o perfil dos integrantes desse movimento.

Durante o trabalho verificou-se que a abordagem de política contenciosa é adequada para analisar as Jornadas de 2013 devido à sua metodologia dinâmica e focada no processo, permitindo uma investigação aprofundada. Este método

possibilita a análise das etapas em momentos distintos, identificando oportunidades, ameaças, apropriações sociais e ações coletivas inovadoras e atores envolvidos. Ele oferece uma compreensão detalhada das dinâmicas do conflito e dos movimentos sociais ao considerar diversos fatores como interesses, estratégias e contexto histórico. No entanto, a principal limitação é a possível marginalização dos aspectos culturais e psicológicos, que também influenciam a formação e o desenvolvimento dos conflitos.

Quanto a metodologia, o trabalho tinham como objetivo fazer uma pesquisa básica que trouxesse elementos já estudados sobre o tema. Utilizando de uma metodologia de revisão bibliográfica, qualitativa, com textos que conversassem sobre o assunto bem como reportagens da época. Quanto ao método, foi aplicado método indutivo, ou seja, o estudo de um fato determinado para se obter uma resposta específica, no caso, leitura das Jornadas de Junho para compreender como a bibliografia estuda esse fenômeno.

Foi possível deparar-se com algumas limitações no estudo, diante da metodologia proposta houve dificuldades na busca de textos atuais. Entre 2013 e 2015 houve uma vasta produção bibliográfica sobre o tema, com destaque para: a repressão policial, o Movimento Passe Livre, o papel das redes sociais, a cobertura da mídia tradicional e independente e as disputas de narrativa dentro das manifestações. No entanto, com o passar de uma década os protestos parecem ter sido marginalizados pela academia, e análises feitas com 10 anos de distanciamento foram realizadas apenas por grandes canais da mídia como Folha de São Paulo. De modo que não foi possível fazer um estudo mais distanciado do fato estudado.

Foi verificado que as Jornadas de Junho de 2013, foram um evento importante para a análise de movimentos sociais do Brasil contemporâneo, com o surgimento de atores adormecidos e de táticas nunca vistas antes no país. Exposto isso, o projeto sugere pesquisas mais aprofundadas sobre o tema, estudos que foquem no surgimento dos movimentos conservadores, sua forma de organização e sobretudo a sua atuação nos protestos pós 2013.

Quanto ao tópico central dos protestos de 2013, tarifa zero, recomenda-se um aprofundamento no tema, com um estudo sobre a difusão dessa política pública entre os municípios brasileiros, se houve uma taxa de adesão após os protestos? Se essa

taxa é significativa? Se é viável a adoção dessa política por municípios com alto índice populacional? Dentre outros pontos referentes a difusão dessa política.

REFERÊNCIAS

BBC BRASIL. **13 de junho de 2013: a noite que durou 10 anos.** BBC News Brasil, 12 jun. 2013. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c0j5125089do>. Acesso em: 4 jul. 2024.

BROWN, Daniel. ***What are Black Bloc anarchists?*** Big Think, 19 jul. 2019. Disponível em: <https://bigthink.com/the-present/what-are-black-bloc-anarchists/>. Acesso em: 23 jun. 2024.

DATAFOLHA. **Brasileiro segue otimista com economia.** Folha de S.Paulo, 1º jan. 2013. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2013/01/1209566-brasileiro-segue-otimista-com-economia.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2024.

DATAFOLHA. **Dilma mantém aprovação de 62% dos brasileiros.** Folha de S.Paulo, 16 dez. 2012. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2012/12/1203094-dilma-mantem-aprovacao-de-62-dos-brasileiros.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2024.

G1, São Paulo. **Tarifas de Ônibus, Trens E Metrô Em SP Vão Subir Para R\$ 3,20.** São Paulo, 22 May 2013, Disponível em: g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/05/tarifas-de-onibus-irao-subir-para-r-320-em-sp.html. Acesso 09 dez. 2023.

G1. **Preço Da Passagem de Ônibus Provoca Manifestações Pelo País.** Bom Dia Brasil, 7 June 2013, Disponível em: g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2013/06/preco-da-passagem-de-onibus-provoca-manifestacoes-pelo-pais.html. Acesso 09 dec. 2023.

HACON, Vanessa de Souza. **A emergência dos Black Blocs no contexto das Jornadas de Junho de 2013 no Brasil: da tática de resistência ao movimento**

social, Em Debate, Florianópolis n. 12, p. 4-21, 2014. Disponível em:
<https://doi.org/10.5007/1980-3532.2014n12p4> Acesso em: 6 jun. 2024.

McADAM, Doug; TARROW, Sidney; TILLY, Charles. ***Dynamics of Contention***. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 03-71.

McADAM, Douglas. *Douglas McAdam*. Stanford University. Disponível em:
<https://sociology.stanford.edu/people/douglas-mcadam>. Acesso em: 20 ago. 2024.

OLIVEIRA, Adriano; COSTA, Simara e NETO Luma. **As manifestações de junho de 2013 à luz da opinião pública: causas, significados e mudanças de opinião**. Cenário Inteligência, 2013 Disponível em: <https://www.cenariointeligencia.com.br/wp-content/uploads/2021/01/abep14012013.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2023.

SANTOS, Gustavo Souza e PEREIRA, Anete Marília. **Utopismo, Insurgência E Espaço Urbano: O “Direito à Cidade” Lefebvriano E as Jornadas de Junho de 2013 No Brasil**. Cadernos MetrÓpole, vol. 21, no. 45, 1 Ago. 2019, pp. 461–479, Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4505>. Acesso em: 04 nov. 2023.

SCARCELLI, Oliver Cauã Cauê França. **As origens do Movimento Passe Livre: do trabalho em escolas à autogestão no transporte**. 2014, Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/340661480_As_origens_do_Movimento_Passe_Livre_do_trabalho_em_escolas_a_autogestao_no_transporte. Acesso em: 13 out. 2023.

SEIDL, Ernesto. **Um Capital Militante Em Transformação: Tensões E Ambiguidades Na Militância Do Movimento Passe Livre**. Estudos de Sociologia, vol. 26, no. 50, 21 Mai 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.52780/res.14909>. Acesso em: 12 out. 2023.

SPINA, Paulo Roberto. **O Movimento Passe Livre SP: da sua formação aos protestos de 2013**. 2016. 140 f. Dissertação – Escola de Filosofia, Letras e Ciências

Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unifesp.br/handle/11600/41262>. Acesso em 02 de fev. 2024.

TARROW, Sidney. **Sidney Tarrow**. Cornell University. Disponível em: <https://government.cornell.edu/sidney-tarrow>. Acesso em: 20 ago. 2024.

TAVOLARI, Bianca. **Direito à cidade: uma trajetória conceitual**. Novos estudos CEBRAP, v. 35, n. 1, p. 93–109, mar. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/hdLsr4FXMpVZWPJ7XswRRbj/?lang=pt> Acesso em: 28 out. 2023.

TORI, Lucca Amaral. **Junho de 2013 a Contrapelo: Controvérsias e Insurgências de um Brasil Não Raso**. Princípios, vol. 42, no. 167, 1 Jan. 2023, pp. 85–103, Disponível em: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2023.167.005> . Acesso em: 10 out. 2023.

WILGOREN, Jodi. **Charles Tilly, 78, Writer and a Social Scientist, Is Dead**. The New York Times, 2 maio 2008. Disponível em: https://www.nytimes.com/2008/05/02/nyregion/02tilly.html?_r=1&ref=obituaries&oref=slogin. Acesso em: 20 ago. 2024.